

# Dentes de Ouro

*Daniel Cavalcante*

## I

**F**ENÔMENOS SOBRENATURAIS, PARANORMALIDADE, para tudo o ser humano busca explicação racional. A ciência não admite que possam existir fatos além da nossa vã filosofia, e quando algum destes fatos aparecem, taxam-no logo de absurdo, exagero ou lenda.

Chamem-me louco, paranóico, perturbado, caduco ou retardado; mas os fatos que aqui descreverei não passam da mais pura – e horrenda e trágica – verdade, embora eu desejasse profundamente acordar e perceber que tudo fora um grande e assustador pesadelo.

Pude suportar à dor em silêncio milagrosamente. Não creio que sem um milagre eu conseguiria. Porém, refleti muito sobre o que ocorreu aquela noite, e se deveria realmente contar ao mundo sobre isto. Não pretendo fama, dinheiro ou coisas do gênero, de forma que nada hei de ganhar ao fazê-lo, o que me fez calar por algum tempo mas, com o passar do tempo e chegando à hora de minha morte, percebo o quanto fui infantil e egoísta. Tudo que tenho a contar pode vir a ajudar aos que em mim crêem, além de ter, de certa forma, uma moral, não que este seja o objetivo, e nem acredito que deva ser, mas de tudo deve-se aproveitar algo e, se alguém não crer em minhas palavras, que ao menos aprenda alguma moral.

Também espero que, expondo estes fatos ao mundo, minhas perturbações, pesadelos e inquietações diminuam.

Durante anos, tive a mais fúnebre das profissões: Coveiro. Sempre fui um homem humilde, trabalhador e não raro faltava comida na mesa de minha casa, onde moravam comigo minha mulher e duas filhas. No entanto, sempre íntegro, sequer fui injusto com meu próximo ou com a sociedade, embora seja ela sempre seja injusta com os mais necessitados.

Meu trabalho era simples. Tudo o que eu tinha de fazer era cavar túmulos, covas, tumbas e neles enterrar os defuntos. Também era encarregado, por alguns familiares mais conservadores, de vigiar e cuidar dos túmulos, das flores, dos objetos ali deixados pelos entes queridos, das velas, da limpeza e

conservação. As famílias me pagavam algum trocado para estas tarefas – que a princípio julgava fútil, afinal de que servia tanto cuidado para alguém que está morto e sequer sabe o que ocorre no mundo dos vivos? – e, claro, elas eram sempre muito bem vindas.

O cemitério era o menor, porém o mais requisitado pela alta burguesia da cidade devido ao cuidado e conservação do mesmo, e eu trabalhava como louco, principalmente nos dias de verão. Estes dias costumavam vir muitos cadáveres, juntamente da chuva, calor e feriados, como se fossem consequenciais. Os cadáveres vinham em caixão aberto, pois assim era a nossa tradição, e ali, na capela do cemitério, fazia-se o velório. Então, levávamos o caixão para sua cova, abria-se mais uma vez para as últimas homenagens, fechávamos, e enterrávamos. Os parentes sempre eram os últimos a sair, ficando ali até cimentarmos o túmulo e a lápide. Algumas mulheres, mães e viúvas, soluçavam, o que muito me entristecia, porém, ao mesmo tempo, irritava.

Aconteceu certa vez, em um destes dias de verão, que veio o cadáver de um homem conhecido por todos. Seu nome me foge à memória, mas me lembro bem de seu rosto, gordo, branco, velho e cansado, cabelos grisalhos, feições arrogantes e irritadiças. Era dono de vários pontos comerciais, o que o tornara um dos homens mais ricos da cidade, embora fosse mais conhecido como o homem mais ranzinza.

Eu o conhecia bem o suficiente para garantir que não só era ranzinza, mas também um velho rabugento e desagradável. Ao vê-lo ali, dentro do largo caixão, com sua banha esparramada espaçosamente, eu poderia, em minha mente, ouvi-lo dizendo, com sua voz rouca e asmática *malditos crioulos caloteiros!*, enquanto tentava, em vão, cobrar os negros, que sempre freqüentavam as redondezas e compravam fiado. *Malditos crioulos desgraçados!* Pegava o inalador, enfiava à boca e pressionava o dispositivo. Sempre tivera asma mas, não obstante, fumava cerca de três charutos fedorentos e vagabundos por dia. Segundo ele, era uma compensação para o inalador, que teria um gosto horrível. Então, olhava para mim, sorrindo, arrogante, dizendo e *então, filho, o que vai ser?* Os olhos eram pequenos e penetrantes; dentes amarelos e podres se exibiam por trás do largo riso do homem e, por entre eles, os dentes de ouro, dois caninos e alguns pré-molares, brilhavam, refletindo a luz do dia, dando ao homem um aspecto rude e imponente ao mesmo tempo.

Aquela imagem me veio à mente, ao vê-lo ali, sem vida, no caixão. A imagem do sujeito inalando às caretas, e depois sorrindo, exibindo seus dentes brilhantes. Fiquei inerte, por um momento, aterrorizado diante o caixão, perplexo com a imagem que me veio tão viva e tão real. Era como se ele estivesse ali, sorrindo, e ao mesmo tempo não. Ou como se estivesse sorrindo só pra mim, em minha mente, telepaticamente.

As últimas homenagens haviam terminado quando eu e meu colega de trabalho baixamos o caixão ao seu túmulo, espaçoso, revestido de concreto. Abrimos o caixão uma última vez, conforme pediram os familiares, e qual foi o

meu espanto ao ver aquele homem, aquele defunto, *sorrindo!* Sobressaltei-me e meus olhos quase me escaparam da órbita. Olhei para os lados, assustado, a fim de perguntar algo ou esperando que alguém tivesse alguma resposta, mas ninguém parecia perceber tal fato. Todos continuaram, silenciosa e normalmente, concentrados em suas homenagens. Daí então, o horror tomou conta de minha alma. Seria apenas *eu* que estivesse vendo aquilo? Seria imaginação, loucura ou... Meu colega de trabalho fechou o caixão definitivamente e respirei aliviado. Queria correr, gritar, sair dali, de perto daquele monstro, e não voltar nunca mais, nunca mais nunca mais nunca mais nunca... Percebi que meu coração estava acelerado, então ri, pensando em alguma maneira de me convencer que aquilo tudo era uma tolice. Uma fantasia de um homem que trabalhava no cemitério há muito tempo.

Cobrimos o túmulo de concreto com uma tampa de mármore e cimentamos as laterais para que o mesmo não fosse violado. Os últimos parentes ainda presentes colocavam flores sobre a tampa e acariciavam a foto do homem na lápide. Eu queria sair dali o mais depressa possível, correr para meu lar, para os braços de minha mulher, dizer a ela que eu estava cansado e assustado, pois eu havia visto algo, havia visto algo sem dúvida, ele sorria prá mim, ele ria de mim, ele estava ali, estava *vivo*, pronto para me pegar, e ele ia me pegar a qualquer hora e... ohmeudeus ohmeudeus ohmeudeus ohmeudeus ohmeudeus!

As gotas de chuva começaram a cair naquele momento, refrescando e expulsando o calor que impregnava o ambiente. Os parentes que anda ali permaneciam correram para seus carros e logo eu estava ali sozinho. Meu colega de trabalho também correu para algum lugar. O cemitério parecia agora desolado – mais que de costume – e as lápides, os seres que dominavam aquele lugar, pareciam chorar. Escureceu rapidamente e as árvores doentias se tornaram sombrias e assumiam formas que alimentavam a imaginação. Olhei para o relógio que marcava fim do dia e fui-me embora. No dia seguinte eu daria uma justificativa por sair antes do final do expediente.

A chuva acalmara meus nervos e logo eu já procurava explicações racionais para aquilo que ocorrera no enterro. Caminhei lentamente enquanto as gotas da chuva batiam suavemente sobre minha cabeça, pisando nas poças de água.

*Splosh, splosh!*

Meus pés se encharcaram dentro das botas. Uma gripe começou a se manifestar. Eu ansiava por chegar em minha casa como há muito não ansiei. Queria estar nos braços de minha mulher, abraçar minhas filhas e brincar com elas, assistir um filme em família e me aproximar o máximo possível de uma vida *normal*, em uma família *normal*, com preocupações *normais!*

## II

Chegando em casa, bati à porta trancada. Era uma casa simples, mas digna. Possuía espaço o suficiente para todos e nada faltava. Poderia ser feia se vista de fora, mas estava sempre bem arrumado e muito limpo. Minha filha,  
*Daniel Cavalcante codinome\_y@yahoo.com.br* *www.contosdoubtral.cjb.net.* 3

Lucilene, abriu rapidamente, abriu seu maravilhoso sorriso e pulou sobre mim, me abraçando e beijando meu rosto; Laura apareceu por trás e me abraçou também, quase me derrubando, ainda na entrada da casa. Ah, aquilo era remédio para qualquer problema. Em instantes, já esquecera o sorriso do cadáver, com seus dentes de ouro.

Acaricieei minhas filhas, e fui até a cozinha, onde Kate, minha mulher, preparava o jantar. Me recebeu com um beijo e um olhar carinhoso e amável. Conto-lhe estes fatos, pois estas lembranças vem à minha mente de forma que não posso fugir ou esconde-las. Estes eram os momentos mais felizes da minha vida, e por nada no mundo eu trocaria.

Apesar de sermos uma família feliz, sempre nos faltava melhores condições de vida, não que alguma delas reclamasse, mas eu sabia que elas gostariam de uma vida mais confortável, roupas novas, brinquedos, jóias, entre outras coisas que o mundo tem a oferecer. Mas o pior de todos os problemas era o aluguel. A antiga proprietária do imóvel se mostrava paciente e compreensível, e permitiu que acumulássemos uma dívida ao passar dos meses. Certamente, ela nunca cobraria os aluguéis atrasados, pois minha esposa sempre retribuía sua bondade com pratos deliciosos, convidando-a para almoçar em casa. Porém, a mulher morrera e seu irmão, que antes morava em outro estado, veio cuidar de seus negócios e resolveu nos cobrar as dívidas atrasadas. Sua irmã não deixara documento algum de perdão da dívida, portanto nada poderíamos fazer senão pagar-lhe os aluguéis, diante as ameaças de despejo. O prazo não poderia ser mais cruel: apenas um mês. Sem saber o que fazer, perdi muitas noites de sono e tive pesadelos quando conseguia dormir.

Minha mulher, mais preocupada comigo que com a dívida, procurava me tranquilizar, sabendo que eu fazia o que me era possível para manter o sustento da casa, e dizia que *o que tiver de ser, será*. Por estes motivos, sempre me achei um homem de sorte por ter uma mulher como aquela, mas eu não me tranquilizava. Havia momentos, em casa, na hora do café da manhã ou jantar, no trabalho, cavando, ou enterrando, em que minha mente se dispersava por completo em pensamentos preocupados e aflitos. Sim, cada vez mais aflitos. O que eu poderia fazer? Ninguém emprestaria dinheiro para um coveiro. Ninguém me empregaria caso eu resolvesse trocar de emprego, e meu patrão nunca me cederia um adiantamento – não na quantidade que eu precisava –, não possuía bens que pudesse vender, nenhuma alternativa.

### III

A chuva caía aos borbulhões e eu, completamente encharcado, à luz da lua da meia noite, abria os portões do cemitério.

Tudo parecia um sonho terrível, eu sequer acreditava que estava ali, tudo só poderia ser um pesadelo. Logo eu acordaria ao lado de minha esposa e tudo estaria acabado. Sim, era um sonho. Mesmo sabendo disso, ainda tinha medo. O coração palpitava dolorosamente no peito. Tranquei o portão com as minhas

chaves, olhei para a rua. Não havia ninguém à vista. O cemitério não dispunha de um caseiro, o que seria fatal.

A chuva transformou o chão de terra em puro barro, de modo que tive de andar cautelosamente para não escorregar. A água escorria gélida pelo meu rosto que já estava praticamente dormente.

A noite era cinzenta e silenciosa, o cenário no cemitério era de uma desolação singular e estarrecedora. As árvores eram ainda mais sombrias, formando imagens assustadoras na escuridão, como as árvores que vemos, em alguma viagem qualquer, à beira da estrada, durante a noite. Elas se transformam em sombras projetadas no vazio da noite, e assumem formas assustadoras, dentro de nossa mente, quase sobrenaturalmente. Lembro-me de quando observava, ao viajar com meus pais, este fenômeno. Não conseguia dormir jamais em uma estrada, tampouco me distraía com qualquer outra coisa. Meus olhos se fixavam nas sombrias árvores que passavam rapidamente ao meu lado, de fora da janela. Árvores de todo tipo, grandes, pequenas, robustas, secas, mortas, imponentes. Todas elas se transformavam durante a noite e eu, intrigado, procurava descobrir o porquê. Naquela noite, algumas árvores formavam algo semelhante a um sorriso morto e fantasmagoricamente maligno. Outras, o rosto de minha mulher e filhas, embora um tanto distorcidos, os olhos puxados para baixo, assim como as bocas, abertas, como se *derretessem*, ou estivessem bocejando doentamente. Quando os raios e relâmpagos caíam, iluminando o lugar, voltavam a ser simples árvores por alguns instantes, mesmo voltando tudo ao escuro. Depois, ao fitar as árvores negras e sombrias, novamente no escuro, elas voltavam, aos poucos, a assumir as formas fantasiosas.

Não obstante, prossegui, mesmo sabendo ser um sonho, caminhando entre os túmulos. As lápides, crucifixos e esculturas sepulcrais pareciam observar cada movimento meu, como espíritos imóveis e vigilantes. Um arrepio tomou conta de todos os pelos do meu corpo molhado, com este pensamento. Prossegui.

As pás estavam cravadas à terra, ao lado das covas recém cavadas que aguardavam seus cadáveres. Mas uma pá não serviria. Fui até o depósito de ferramentas e lá encontrei uma picareta. Retornei ao aglomerado de túmulos e parei diante de uma tumba recente.

Me perguntei novamente o que estava fazendo, se eu estava ficando louco, mas me lembrei, novamente, que não passava de um sonho. Não me tranqüilizei.

*É só um sonho, cara! Relaxe! Deixe que aconteça!*

*É só um sonho!*

Enfim, ergui a picareta ao alto. As gotas de chuva caíam sobre ela, escorriam pelo cabo até minha mão, e continuavam escorrendo pelo braço, blusa adentro. Eu congelava, mas meu corpo estava quente. A febre me mataria, se não me tratasse.

Cravei a picareta no cimento semi-fresco que lacrava a tumba com tampa de mármore. Repeti o movimento incontáveis vezes, o suor se misturava às gotas da chuva. Escorreguei três vezes, caindo na lama. Continuei investindo

contra o cimento, por todos os quatro lados que formavam a tumba, até que estava... aberta.

Com a ponta da picareta, ergui a tampa de mármore e a joguei para o lado, derrubando as flores ainda perfumadas que ali estavam.

Um cheiro estranho invadiu-me as narinas. Olhei para dentro da tumba revestida de concreto, e um rosto me veio à mente, o rosto daquele homem sorrindo diabolicamente pra mim.

*Calma, é só um sonho! Logo você acorda e tudo estará terminado.*

Pulei para dentro da tumba, com a picareta em mãos e, com ela, quebrei o trinco do largo caixão, emitindo um som estridente que percutiu, em um eco fantasmagórico, dentro da tumba cúbica. O trinco caiu, quicou no cimento, repetindo o mesmo som. Toquei a tampa do caixão e, novamente, o rosto apareceu diante de mim mas, desta vez, um sorriso maligno, odioso, caveiroso, quase mortal. Os olhos vermelhos brilhavam, monstruosos, furiosos e sedentos por sangue.

Sacudi a cabeça, fechando os olhos, e procurei apagar aquela imagem da minha mente por completo. Funcionou, pelo menos por enquanto e, em um impulso, como se a coragem fosse durar poucos segundos, ergui subitamente a tampa do caixão. A mesma caiu no chão, emitindo um novo e mais estrondoso som, misturando-se às trovoadas ensurdecedoras. Estremeci, na possibilidade de que alguém pudesse ouvir e vir saber o que acontecia, mas seria impossível alguém ouvir do lado de fora do cemitério.

Olhei dentro do caixão, agora violado, o cadáver já com odor desagradável, que jazia ali, com sua banha esparramada, as mãos cruzadas por cima do peito, a barriga projetando-se para cima. Fiquei ali, imóvel, apreciando o horrível espetáculo.

*E então, filho, o que vai ser?*

Sobressaltei-me em um pulo para trás, quase caindo de costas, tropeçando na picareta que estava no chão. Ele teria *dito* aquilo? O cadáver falara? Ou estaria ficando louco? De qualquer forma, um homem que viola um túmulo daquela forma, só poderia ser louco. Mas minha loucura teria chegado à tanto?

Então lembrei-me de que era apenas um sonho e logo iria acordar, soando frio, aos berros, e Kate me abraçaria, sussurrando ao meu ouvido *Calma, foi só um sonho ruim, meu amor. Não se preocupe. Estou aqui ao seu lado, e vou cuidar de você.*

Porque demorava tanto para acordar? Porque aquilo não acabava? Porque eu não caía da cama, o relógio não despertava, minha mulher não me acordasse com dor de cabeça suplicando por um remédio, ou minhas filhas invadissem minha cama, com medo da tempestade e dos trovões? Porque eu simplesmente não despertava daquele pesadelo cheio de horror?

Ao contrário, eu me via agora *tocando* no cadáver. *Meu Deus, o que diabos estou fazendo afinal?* Abri com minhas mãos a boca do homem, puxando com força seus lábios gordos e gelados. Raios iluminaram todo o lugar, e tudo ficou tão claro quanto aquela luz, tão claro quanto os dentes que se abriam à minha frente. Os dentes de ouro! Os malditos dentes de ouro!

Certamente, eu ficara tão preocupado com as dívidas e tão impressionado com aquele rosto sorrindo para mim durante o enterro, que meu subconsciente preparou essa peça, este espetáculo em forma de pesadelo para mim.

Peguei um alicate que carregava no bolso, coloquei-o aberto dentro da boca do homem, e comecei a arrancar os dentes de ouro, um a um. Guardei cada dente que tirava dentro do meu bolso e prosseguia a cirurgia nada precisa. Arranquei alguns dentes que apenas eram amarelos, mas não de ouro. Os dentes podres simplesmente caíram em minhas mãos.

Após a operação, o rosto gordo estava completamente deformado. Eu deveria ter quebrado vários ossos ao puxar e empurrar os dentes com o alicate. Deixei-o completamente sem dentes.

Horrorizado com a nova aparência do cadáver, fechei rapidamente o caixão, guardei o alicate em meu bolso e saí dali de dentro, subindo pelo degrau estrategicamente construído ali.

Do lado de fora, me apressei em preparar uma nova massa de cimento. Voltei ao depósito de ferramentas, onde havia cimento, preparei-o rapidamente e, com ele, lacrei novamente a tumba. Um trabalho perfeito. Coloquei as flores novamente em seu lugar e parei de frente para a lápide, observando a foto do defunto.

Um novo raio iluminou o lugar e, subitamente, o retrato se transformou em algo monstruoso e deforme, com olhos malignos e vingativos. Arregalei os olhos e quase caí para trás novamente, mas ao cessar da luz, o rosto da fotografia voltou ao normal.

## IV

Acordei com os raios mornos da manhã de sábado. Kate me abraçava e pousava sua cabeça em meu peito.

Aliviado, olhei para o sol. Jamais ficara tão feliz ao ver o sol brilhar. Tudo estava normal, e o pesadelo agora parecia distante, apenas uma vaga lembrança, sequer perturbava a mente. Eu estava tranqüilo e feliz, por ter o sol brilhando e os pássaros cantando lá fora, e minha linda esposa em meus braços.

Minhas filhas logo entraram alegres no quarto, pulando e gritando. Haviam preparado o café e nos chamava para tomarmos todos juntos. Comemos as torradas que Laura preparou, e apesar de um pouco queimadas, estavam deliciosas. Lucilene preparou o suco de laranja.

Depois da refeição, assistimos desenhos na televisão. Eu decidi que aquele dia eu dedicaria somente à minha família, esqueceria por completo as dívidas e os problemas.

E assim foi. Passeamos durante toda a tarde, pela cidade. Nada perturbou minha mente durante aquelas horas, minha alma gozou da mais plena paz.

A noite caiu lentamente sobre a cidade, trazendo consigo as nuvens cinzentas, o frio, a lugubrez e as sombras fantasmagóricas que, sem saber o porquê, me perturbavam.

A própria rainha lua se escondeu nas trevas, as estrelas fugiram da morbidez que pairava e impregnava o ar. A chuva caiu, com toda a sua força, trazendo consigo os raios e relâmpagos, a ventania devastadora arrastava papéis, balançavam as árvores das calçadas, cortavam a noite como uma foice e soprava as fortes gotas de água, fazendo-as cair em diagonal.

Estávamos em casa, agasalhados e assustados com tamanha fúria natural. Lucilene observava o espetáculo pela janela da sala, quando gritou e nos chamou para testemunhar a força da natureza. Árvores foram arrancadas pelo vento e voavam, junto dos carros, pedaços de telhados arrancados da laje, formando um horrendo baile na tempestade negra.

Uma árvore voou em direção à uma casa, e entrou pela janela, ficando do lado de fora apenas o tronco e a raiz. Um carro chocou-se em um muro e explodiu. Outra árvore, menor, voou mais alto e esbarrou nos fios de alta tensão, derrubando os frágeis postes de madeira e arrebatando os cabos, que caíram sobre a água. Um estrondo se ouviu longe, faíscas iluminaram toda a rua deserta e alagada como um rio e então, a escuridão total invadiu toda a rua. Supus que a caixa de fornecimento de energia da rua entrara em curto, devido o contato dos cabos com a água.

Sem o impacto das imagens estarrecedoras, apenas pudemos ouvir os gritos horrorizados de todos os lugares da vizinhança. Reconheci o grito de Laura, pequenina e assustada. Lucilene, um pouco maior que Laura, soluçava, com medo. Kate me abraçou com força e senti seu coração disparado.

Os raios caíam, produzindo flash de claridade, revelando o cenário cada vez mais assustador diante da janela, que mais parecia uma tela de televisão, exibindo um filme de terror. Novo raio caiu, e por instantes, vi uma árvore voando em direção à nossa janela, em nossa direção. Sem pensar duas vezes, agarrei Laura e me abaixei, saltando para o lado, trazendo comigo Kate que não se soltara de mim. Um estupendo som de vidro se partindo fez meu coração disparar e fui tomado pelo pânico. Uma enorme raiz repousava dentro de nossa casa. Gritei o nome de Lucilene, que respondeu, aos soluços ao chamado, e disse que estava com medo. Laura chorava em meus braços e Kate dizia coisas que não pude entender. A luz dos raios iluminou novamente a casa, uma luz tosca, mostrando tudo em preto e branco, o que fez tudo se parecer mais ainda com velhos filmes de terror. Durante o curto tempo que a luz durou, a raiz que jazia em nossa sala assumiu uma forma maligna, um rosto monstruoso e deforme, com olhos distorcidos e a boca como que destroçada. Era o rosto do defunto que eu violara em meus sonhos. Estarrecido, gritei o mais alto que pude, mas não ouvi meus gritos, foram abafados pelos gritos estridentes das mulheres ao meu redor, pelo som da tempestade e do furacão que passava ao lado, lá fora.

Repentinamente, à luz em preto e branco dos raios, percebi algo que se movia, lentamente entre as raízes da árvore intrusa. Pedi silêncio às mulheres, mesmo sabendo que não seria atendido. Algo estava se movendo ali, havia algo, algo *vivo!*

O grito de Lucilene mudou de um *Ahhhh* para um *Socorro! Me larga!*  
Estremeci.

*Quem está aí? Gritei.*

*E então, filho, o que vai ser?*

Não posso descrever o horror que tais palavras, pronunciadas debilmente e quase incompreensíveis, trouxeram ao meu espírito. Senti todo meu corpo congelar, minha respiração se prendeu, meu coração parecia sair-me pelo peito, a garganta seca, os olhos arregalados quase saltando. Cada pelo do meu corpo arrepiou-se. Procurei pronunciar alguma palavra, qualquer coisa, pedir calma para minha filha, pedir que houvesse compaixão, que nos deixasse em paz, qualquer coisa.

Palavra alguma saiu de minha garganta.

- Vamos lá, você sabe por que estou aqui, não é? Vim acertar as contas, filho.

Agora a voz parecia putrefata e fúnebre, as suas palavras pareciam sobrenaturalmente fantasmagóricas. Eu não pude acreditar naquilo, não poderia estar acontecendo, não era verdade. Sim, só poderia ser novamente um sonho. Outro horrível e maldito pesadelo. Logo eu acordaria com os raios mornos do sol iluminando meu quarto, ou aos berros durante a noite, que seja, mas eu precisava acordar, precisava acordar, precisava acordar!

*Isto não é um sonho, filho.* Disse a voz, como se lesse meus pensamentos.

- Você pegou algo que é meu, e agora vamos acertar as contas.

Não é possível, pensei. Aquilo não passou de um sonho, eu não invadi o túmulo, eu não violei seu caixão, eu não arranquei-lhe os dentes, eu não perturbei seu descanso!

Como um réu ansioso para provar sua inocência ao júri, vasculhei os bolsos da calça, a única que eu tinha limpa durante a semana, se eu havia colocado algo nos bolsos na noite anterior, teria de ser aquela calça, e eu ia mostrar àquele monstro que o bolso estava vazio, vazio, va...

Tirei a mão do bolso direito, com onze peças pequenas e frias. Aguardei, cheio de horror e imóvel, o próximo raio cair. Um flash iluminou novamente o lugar e o ouro brilhou em minhas mãos. Onze peçinhas de ouro. Deixei-as cair, horrorizado e confuso, atordoado. Não poderia ter acontecido aquilo *naquela* noite.

- Agora você entendeu. Disse a voz fantasmagórica, enquanto um raio iluminou o rosto, já diante de mim, deformado e putrefato. Em tão pouco tempo morto, já se encontrava em decomposição. Não havia o menor sinal de humanidade, nada de semelhante ao velho homem asmático e rico. Mas era ele, certamente. Seu rosto lúgubre e cadavérico desmanchava-se diante de mim. A *coisa* segurava Lucilene, que agitava-se aos berros e soluços, choramingando.

Tomado pelo terror, fiquei imóvel. Laura e Kate correram apavoradas ao verem a *coisa* diante delas, tropeçando nos objetos da sala que caíram e se quebraram estrondosamente.

- Vamos lá, filho. Não é um crioulo caloteiro, não é? Sei que não, portanto vamos acertar isto já.

- Pode levar os seus dentes de volta! Eu não sei por que os peguei, leve os malditos dentes e me deixe em paz, deixe minha família em paz! – tagarelei, enchendo-me de toda coragem que me restara na alma.

- Ora, filho. Não levarei os dentes, pois não precisarei mais deles, você destruiu meu rosto, e aliás, não vou mais ter que mastigar. Você, no entanto, precisa deles para pagar sua dívida, lembra-se? Sim, você realmente não é um caloteiro. Roubou-me os dentes de ouro para pagar uma dívida, mas agora terá de me pagar de alguma forma. E então, o que vai ser, filho?

- O que quer? Gaguejei.

- O que eu quero? Acho que você sabe, filho. Disse ele, empurrando Lucilene à frente, mas sem soltá-la. Compreendi a dimensão do horror e, tomado por uma onda de fúria e justiça e dever de proteção à família, gritei.

- Jamais! Está louco se acha que lhe darei minha filha! Esqueça! Leve o que quiser, mas deixe minha família fora disso!

- Filho, você não está em condições de exigir. A única coisa que poderá fazer, é escolher.

Então percebi que a cada momento aquilo pioraria. Rezei, implorando por um milagre, que aquele maldito presunto voltasse à sua tumba, que sua pseudo-vida se acabasse, que seja qual for o tipo de pilha que colocaram nele se acabasse, que um raio caísse em sua cabeça deformada.

Nada aconteceu.

- Então, filho? Levarei duas, escolha com qual você quer ficar.

- Isto é loucura! Não está acontecendo não está acontecendo não está acontecendo!

- Se você não escolher, escolho eu mesmo.

- Não! – gritou Kate, em algum lugar no escuro – leve a mim, eu irei, mas deixe minhas filhas, por favor!

As vozes flutuavam na escuridão tenebrosa. Por muito tempo, raio algum caía para iluminar a casa. A tempestade ainda castigava violentamente o lugar, do lado de fora.

- Ora, que coragem admirável – disse a criatura – mas eu não sou tão cruel. Não quero deixar ninguém sozinho, afinal, me parte o coração ver uma alma solitária. Levarei duas comigo, e deixarei uma com o papai, assim ninguém fica sozinho. Estão todos de acordo? – seu cinismo quase transformava aquela situação em uma piada, não fosse sua voz diabólica e sobrenatural, assemelhando-se ao som da tempestade. Seu tom de voz nada tinha de cínico, mas era apenas e unicamente cruel.

- Seu louco! – bradei – saia de minha casa!

- Ah, eu sabia que vocês concordariam felizes! Então, mamãe, qual das filhinhas você quer levar com você para meu túmulo?

Enfurecido, esqueci-me de todo o medo de outrora e avancei sobre o demônio, com punhos cerrados. Mal me aproximei dele, uma forte pancada na cabeça me derrubou. O sangue quente escorreu-me pela testa, que latejava. Um raio iluminou de relance a casa, e vi diante de mim o cadáver-vivo, com minha Lucilene em um dos braços e uma picareta na outra mão, erguida.

- Você esqueceu isto no meu túmulo. Não é irônico? Agora não se mova, ou o próximo ataque será com a ponta, ao invés do lado do metal. E o tempo se esgotou. Levarei a mulher e esta que está em meus braços. Ficará com a mais nova. Nossa conta está acertada. Adeus, e tenha uma boa vida.

Não pude me levantar, ou pronunciar palavra alguma. Apenas ouvi, sem nada poder fazer, os gritos e choros de Kate e de Lucilene se afastando. Os raios, furiosos, mostraram os três saindo pelo buraco que a árvore fizera, e desaparecendo em meio a tempestade.

- Nãaaaaaooooooooo! – gritei finalmente - Volte! Por favor!

De nada adiantou. Fiquei ali, parado durante horas, sem reação. Laura chorava e gritava o nome de sua mãe e irmã. Tive de segurá-la para não sair em meio à tempestade para procurar as duas. Abracei minha filha e ali ficamos, chorando, assustados e desesperados.

## V

A tempestade cessou em meio à madrugada. Laura adormeceu em meus braços, e pouco tempo depois, adormeci também.

Acordamos com o sol batendo à janela. Sem abrir os olhos, desejei profundamente que ao abri-los, percebesse que tudo fora um pesadelo. Mas minhas expectativas não foram correspondidas. A árvore estava atravessada à janela, as pessoas na rua se movimentavam, curiosas a respeito da estranha e sobrenatural tempestade, que aparentemente, caíra apenas nas redondezas do cemitério até àquela vizinhança. Tive uma estranha sensação, como se tudo aquilo não houvesse acontecido realmente.

Laura acordou pouco depois, e perguntou-me se aquilo tudo fora um sonho. Respondi que não.

Alguns anos depois, eu ainda sonhava com Kate e Lucilene, e com aquele demônio. Laura também acordava várias noites seguidas, aos gritos e lágrimas. Levei-a a um psiquiatra, onde fez um tratamento que durou anos. Paguei a minha dívida, após amaldiçoar os dentes de ouro que encontrei espalhados pelo assoalho da sala. Nos mudamos daquela cidade, para tentar apagar as lembranças horríveis que cada casa, cada lugar lembrava aquela noite tempestuosa. Conseguí emprego na nova cidade, em uma loja, e poucos anos depois eu era gerente. Minha vida, com Laura, melhorou financeiramente. Moramos em uma casa de classe média, carro na garagem, entre outros luxos.

Porém, nada me fez esquecer aquela noite. Os pesadelos perduram. Em um deles, vejo Kate e Lucilene no cemitério onde eu trabalhava, à noite durante a tempestade. Andavam, perdidas, procurando a saída, mas os túmulos e lápides formavam um labirinto. Súbito, uma mão sai de debaixo da terra, e a cabeça daquele demônio aparece em seguida, e puxa as duas para dentro do chão, enquanto elas gritam meu nome. Eu, com uma picareta cravada à cabeça, assistia a tudo sem nada poder fazer. No lugar onde elas desaparecem, ficam apenas as pequenas peças de ouro, misturadas à lama que a chuva produzia.

Em outro pesadelo, também muito constante, vejo uma árvore sendo arrancada do chão do cemitério, levando consigo o monstro. A árvore voa em direção à nossa casa e paira no ar. Kate e Lucilene são atraídas por uma força sobrenatural e levadas para a árvore, flutuando, e desaparecem no céu. Então, estou no cemitério, diante do túmulo do monstro, mas na lápide, ao lado do nome do demônio, também há o nome de Kate e de Lucilene.

Eu nunca consultei um psiquiatra, pois julgava meus pesadelos inofensivos, diante a reação de Laura. Começou quando ela teve crises catatônicas. Simplesmente se ausentava, ficava imóvel, sem sequer piscar os olhos. Permanecia assim alguns minutos, ou por horas. Mais tarde, teve também crises de histeria. Lembro-me bem de deixá-la vendo televisão enquanto ia preparar o café. Ela nunca mais rira, ou esboçava qualquer sinal de felicidade. Repentinamente ela começou a gritar estridentemente, jogou o vaso na TV, cobriu o rosto com as mãos e gritava até perder a voz e dizia coisas incompreensíveis. Levei-a ao psiquiatra, mas ela jamais sorriu e fala muito pouco até hoje. Impedi suas tentativas de suicídio duas vezes, embora ela diga que não tivesse intenção de cometê-lo. Algo mais forte a forçou a tentar.

Ainda hoje, ela tem ataques histéricos e nervosos, embora seja menos freqüente.

Hoje, quinze anos depois, levo uma vida normal, como um homem normal. Poucos sabem que perdi uma mulher e filha em um trágico acidente durante a terrível tempestade que aterrorizou a pequena cidade vizinha.

Poucos dias atrás, visitei aquele cemitério. Eu precisava fazê-lo. Pensei que, encarando os fatos, meus pesadelos e meu sentimento de culpa se reduziriam. Como estava enganado!

Os túmulos de Kate e de Lucilene estavam ali, haviam sido improvisados na época para representar seus velórios, mas não haviam corpos sepultados. Deixei flores e disse que as amava. Receoso, procurei o túmulo do demônio. Estava intacto, porém mal preservado. A fotografia fora roubada ou retirada pelos parentes. Em minha mente, xinguei o cadáver que, supostamente, estaria ali sepultado. Estarreci-me e me aterrorizei, como há muito não me aterrorizava, ao ver letras aparecendo fantasmagoricamente em sua lápide envelhecida e impregnada de musgo. Empalideci, e minhas pernas tremeram. As palavras diziam: *Insulta-me à vontade, pois sua hora está próxima.*